

A construção da identidade no Caribe de língua francesa: Da Negritude à antillanidade: Césaire e Glissant

Kátia Frazão Costa Rodrigues

Abstract

This study focuses on the exploration of the Antillean subjectivity as it is conveyed in the poetry by Aimé Césaire and Edouard Glissant. From the perspective of a voice which initially emerges as an expression of the unconscious of the collective and still over influenced by the legacy of the colonizer; but on a different turn, a new perspective towards the future encourages to re-evaluate concepts such as Negritude, Antilleanness, Creoleness and creolization. This analysis will draw on the theories of Jacques Lacan on Jean-Luc Nancy's philosophy and the most contemporary conceptions of identity. interview with Brazilian poet Paula Glenadel. The acknowledgement of this subjectivity leads to a reformulation of the way of thinking and acting, allowing thus the dialogue between differences, a way of political and social compromise with the progress of humanity.

Keywords: Césaire, Glissant, Identities, Literature, Negritude

Resumo

Este trabalho representa a subjetividade antilhana a partir das poesias de Aimé Césaire e de Edouard Glissant. Na perspectiva de uma voz que inicialmente surge como expressão inconsciente do coletivo e ainda sobredeterminada pelo significante do colonizador, mas que, num movimento outro, se reedita e deixa mostrar a outra face da resistência, sob um olhar mais paciente e também voltado para o futuro, convite para se repensar conceitos como Negritude, Antilhanidade, Crioulidade e Crioulização. O diálogo se dá pela via da Psicanálise de Jacques Lacan, da Filosofia de Jean-Luc Nancy e da concepção mais contemporânea de

identidade, entrevista em Paula Glenadel, poetisa brasileira. O reconhecimento dessa subjetividade leva, sem dúvida, à reformulação do pensar e do agir humano, possibilitando, assim, o diálogo entre as diferenças, forma de engajamento social e político com o efetivo progresso da humanidade.

Palavras-Chave: Césaire, Glissant, Identidades, Literatura, Negritude

Resumen

Este trabajo es una investigación sobre subjetividad antillana a partir de las poesías de Aimé Césaire y de Edouard Glissant. Es la perspectiva de una voz que inicialmente nace como expresión del inconsciente colectivo y ainda sobredeterminada por el significante del colonizador pero que en un movimiento “otro” se reedita y deja mostrar la otra cara de la resistencia sobre una mirada más paciente y dirigida para el futuro, invitando para repensar los conceptos Negritud, antillanidad, criollidad y criollización. El diálogo se da por la vía del psicoanálisis de Jacques Lacan, de la filosofía de Jean-Luc Nancy y de la concepción más contemporánea de la identidad, entrevista en la poetisa brasileña Paula Glenadel. El reconocimiento de esa subjetividad lleva sin duda a la reformulación del pensar y del actuar humanos, permitiendo así el diálogo entre las diferencias, forma de compromiso social y político con el efectivo progreso de la humanidad.

Palabras Claves Césaire, Glissant, Literatura, Negritude

Pretendo suscitar interrogações acerca de uma possível subjetividade antilhana a partir do diálogo entre as poesias de Aimé Césaire e de Edouard Glissant, pois embora esses autores martinicanos se inscrevam na Literatura de forma particularizada, seus poemas parecem remeter a um espaço comum, onde traços se repetem e, em duplo gesto, produzem movimentos de fechamento e de abertura próprios de uma existência híbrida e resultante do processo de ser singularmente plural. A subjetividade, aqui entrevista, designa o substantivo feminino que concerne à qualidade ou caráter de subjetivo, adjetivo do latim *subjectivu* que significa: relativo ou existente no sujeito, individual, pessoal, particular ou que pertence unicamente ao pensamento humano e é suscetível de variar em função da personalidade de cada um¹. Já a palavra sujeito, conforme

pesquisa de mesma fonte, vem do latim *subjectu* (posto debaixo) e, como adjetivo, refere-se ao súdito, escravizado, cativo, obrigado e constrangido ou, ainda, àquele que se sujeita à vontade dos outros. Como substantivo, o termo sujeito designa o indivíduo indeterminado ou cujo nome se quer omitir.

Investigar a subjetividade antilhana é, primeiramente, convocar à cena a voz que se apresenta poeticamente como “eu”, apostando na existência de um alguém, materialização na escrita de uma potência que não cessa de se recarregar, que, ao redesenhar a trajetória de um devir sempre descontínuo, esbarra, ainda que instantaneamente, em outras vozes do plano da composição. A subjetividade é, assim, entrevista a partir do encontro dessas potências em diferença ou, nesse caso, no ponto interseccional das poéticas de Césaire e de Glissant.

Cabe ressaltar, antes de tudo, que a Literatura Antilhana possui uma dimensão muito maior do que o universo restrito da Martinica. No entanto, este pode se legitimar como seu fiel representante, tamanha é a sua importância no processo de reconstrução sócio-cultural e histórica das Antilhas. Ademais, a escritura martinicana está diretamente ligada à questão identitária e esta ainda parece ser a grande problemática do antilhano em geral. Cito Pépin, escritor nascido em Guadalupe: “*Nous ne sommes pas que des descendants de l’Afrique. Les composantes sont diverses. Nous portons tous en nous ces parcelles d’identité qui nous constituent en tant qu’Antillais et Caribéens créoles*”². O autor deixa entrever, assim, que toda essa literatura mestiça está presa não somente ao ocidente, mas à palavra exterminada dos indígenas e amordaçada dos escravos africanos. Pépin também nos dá pistas de que é pela palavra, muitas vezes interrompida e consignada na memória crioula, que deve ser redescoberta a qualidade desse eu enunciador, reconhecendo-se, assim, um alguém.

As investidas em favor desse resgate identitário, iniciado pelo *marronage*³, pela oralidade do conto e pelas práticas culturais, muitas vezes ficaram sem registro. Não foi senão a partir dos primeiros cronistas, como o padre Labat e o padre do Tertre, que

se inaugurou timidamente uma sondagem. Mas, esses “brancos da terra”, como afirmou Pépin, escreviam em francês e, por isso, não conseguiram, de fato, retratar a realidade antilhana, tão distante e estrangeira. A eles se segue a escrita duduísta, igualmente dicotômica e marcada pelo exotismo. Era a escrita dos primeiros mulatos antilhanos assimilados, sobretudo, em seus anseios linguageiros pela cultura dominante. Cheia de clichês, a então chamada “literatura assimilacionista” também não chegou a apresentar uma dimensão histórica e social. Surge, assim, a escrita regionalista, igualmente presa aos padrões ocidentais.

Desse cenário evolutivo nasce, então, a “Negritude”, movimento que se inicia nos anos 30 do século passado e marca uma consciência mais desenvolvida em favor da dignidade negra. Césaire, que liderou essa empreitada identitária, conquistou rapidamente um grande número de adeptos, muitos deles seus futuros e acirrados críticos. A “cria da Negritude”, como é chamada por Pépin, acusa Césaire de essencialista, dentre outras razões por fazer uso da língua francesa, vista como eurocêntrica e dominadora. O conceito de “Crioulidade”, assinado pelos martinicanos Raphaël Confiant, Jean Bernabé e Patrick Chamoiseau, nos anos 80 do mesmo século, é formulado em favor dessa contraposição.

No projeto de uma concepção unificada do povo antilhano, a crioulidade apela para a consciência de uma etnia plural, que também se revela como problemática, porque designa ora os brancos nascidos nas colônias, ora os negros. Ao denunciar o falso monolingüismo e a pureza das raças sem evidenciar, contudo, a mestiçagem, a crioulidade acentua ainda mais as diferenças culturais e antropológicas, deparando-se com algumas barreiras, dentre elas, a da própria língua. Entretanto, a existência de uma matriz cultural fundamentada na plantação da cana e na escravidão faz persistir a idéia do “um” em relação ao sujeito antilhano.

Segundo Confiant, foi Edouard Glissant, ainda nos anos 60, quem primeiro explorou mais profundamente a unidade, na busca de uma poética própria. Desde sempre atraído pela questão identitária e querendo ultrapassar as barreiras essencialistas criadas

pela Negritude, Glissant desenvolve a idéia de uma “identidade regional”, a partir da observação dos traços comuns das várias culturas caribenhas. Elabora, assim, o conceito de “Antilhanidade”, confirmando a existência de uma cultura crioula que, apesar de diversa e sem consciência de si mesma, possuiria uma identidade própria. Para ele, o devir crioulo passaria por essa conscientização.

Por volta dos anos 1980-1990, é o próprio Glissant quem atualiza a noção de antilhanidade. Afetado pelas idéias de Deleuze e Guattari, acerca da oposição raiz-rizoma, e também pela migração e maior contato entre os povos, provocados pela globalização, o autor desenvolve o conceito de “Identidade-rizoma”, que se fundamenta no diverso, na aceitação do outro e de suas diferenças. A identidade passa a ser concebida não mais como regional, mas como múltipla e decorrente da relação com o outro, conceito articulador da “Poética da Relação”. Segundo o autor, o resgate da identidade antilhana só é possível pela ruptura com a tradição baseada na filiação, com o discurso hegemônico do ocidente, com o monolingüismo e com a identidade-raiz, que busca, no mesmo, a universalização do devir, desrespeitando, assim, as diferenças. Em 1995, Glissant define as diferentes culturas como formas mestiças que se entrecruzam de maneira dinâmica num processo de “Crioulização”, onde interagem o cultural e o lingüístico. A identidade não mais se concentraria no ser, mas no “ser com”.

Dessa forma, o pensamento de Glissant se estende às problemáticas humanas, fazendo ampliar as fronteiras não somente da Martinica, mas também das Antilhas e da América em geral. Chamoiseau chega mesmo a afirmar que não é possível falar em Literatura Antilhana antes de Glissant e que tudo que o antecede não passa de uma pré-literatura, incluindo-se, aí, a obra de Césaire. Entretanto, talvez seja mais interessante pensar que, longe de serem consideradas como movimentos isolados e, por vezes, até contraditórios, as tentativas de ressignificação do sujeito antilhano representam as muitas etapas da construção de uma subjetividade híbrida que se desenha no entre-lugar de algumas falas, por

aproximação e distanciamento, buscando, como diz o poeta da negritude,

*“... gestes imbéciles et fous pour faire revivre l’
éclaboussement d’or des instants favorisés, le cordon ombilical
restitué à sa splendeur fragile, le pain, et le vin de la complicité,
le pain, le vin, le sang des épousailles véridiques”* (CESAIRE,
1994, p. 14).

A escritura antilhana tem a marca de um apelo que se funda, inicialmente, numa verdade exterior, não somente em favor de uma maior consciência acerca do negro colonizado, como também, e por extensão, do drama de todo negro da história da humanidade. A descrição do sofrimento causado pela escravidão, por exemplo, feita por Glissant na sua obra *Poèmes*⁴, dá pistas de uma incontestável proximidade com aquela que se desenhou no *Cahier d’un retour au pays natal*⁵, de Aimé Césaire. Cito Glissant: *“Et parmi les chants de midi / Ravinés de sueurs triomphales / Sur un cheval vient à passer / La mort demain la Pitié”* (GLISSANT, 1965, p.24). Mas foi Césaire quem primeiro denunciou essa marca indelével da violência: *“...une vieille misère pourrissant sous le soleil, silencieusement; un vieux silence crevant de pustules tièdes, / l’affreuse inanité de notre raison d’être”* (CESAIRE, 1994, p.10).

Essa escrita marcada pela emoção apresenta, também, um cunho pedagógico, invocando atenção para questões morais que colocam em jogo valores como dignidade, honra e respeito. Daí a abundância de interrogações, incitando à reflexão, sacudindo a consciência, caminho possível para uma atitude menos passiva diante dos acontecimentos que envolvem a própria vida. A interpelação em Glissant tenta atingir a cristalização causada por um real que ainda resiste à palavra. Cito:

*Cette argile à nouveau remue! Serait-ce que l’oiseau guide
le ciel vers une source ? Serait-ce, très lointaine, l’*

*embarquement des rives de la neige vers une foule incendiée ?
Ou le coeur, est-ce le coeur, agité comme une gare de
populations végétales, qui fume sur la ville sa suée de terres,
son ressac tumultueux ? Nul n' avoue, nul ne peut, que cette
enfance soit la vieille d' un bivouac. Lui ne craint plus le
sentiment (de dire « je » dans cette terre), mais l' emblave et l'
ensemence. Et vous, à peine devinant tout ce remous d' étoiles
et de lierres, profuse en ce langage, indifférente et soudain
calme dans le fruit, faites mystère ainsi que lui de ce silence
où bruit la ville. (GLISSANT, 1965, p. 13-14)*

Mas, ao mesmo tempo em que interroga, Glissant responde, ocupando também o lugar do outro, ao traçar a estratégia para a resistência. O uso dos verbos no modo imperativo já atesta o desejo de guiar impulsionando essa multidão que, ausente de todo trabalho, permanece “como uma baía!” (GLISSANT, 1965, p.15). Cito: “*Durant que vous dormez dans cette plaine, le souvenir encourt les tournolements de l' arbre, et plus haut son sang. Toute prose devient feuille et accumule dans l'obscur ses éblouies. Faites-le feuille de vos mains, faites-le prose de l'obscur, et l' ébloui de vos brisures...faites-le flamboyance de l'indécis...*” (GLISSANT, 1965, 15-16). Césaire parece, da mesma forma, ensaiar a instrução de um possível caminho para o resgate identitário, no poema “Palavras de ilhas, para saudar Edouard Maunick”, quando diz:

*Si nous voulons réappareiller l' abeille dans les campêchiers
du sang
Si nous voulons désentraver les mares et les jacinthes d' eau
Si nous voulons réfuter les crabes escaladeurs d' arbres et
dévoreurs de feuilles
Si nous voulons transformer la rouille et la poussière des
rêves en avalanche d' aube
Qu' es-tu...
Toi qui comprend ce qui disent les îles
Et qu' elles se communiquent dans la marge des mers et
dans le dos des terres dans leur jargon secret d' algues*

Et d'oiseaux
Qu'es-tu comparse du feu et du flux et du souffle (CÉSAIRE,
1994, p. 508).

A escrita hesita entre o desejo de ser o seu próprio modelo e a missão de um testemunho coletivo acerca do passado traumático que seria esquecido sem ela. Seu referencial de verdade está no passado e aponta para a consciência de que algo precisa ser empreendido, pois esse tempo distante é constituído de matéria fictícia e remete a algo que não existe mais ou que nunca existiu, pelo menos como tal, de fato. A mesma ambigüidade se dá em relação à descrição da Martinica, quando, ao tentar desmistificar o exotismo das Antilhas, Glissant o faz pela pintura da sua inversa miséria, revelando uma escritura marcada pela antítese branco-negro, expressa na passagem perversa do outro por essa ilha lastimável de uma gente passiva ou, como diz Césaire, “de uma multidão que não sabe fazer multidão”⁶, que se deixa abater e, naufraga, completamente muda, deriva. Nos versos abaixo, Glissant parece assumir a mesma fala que um dia proferiu o poeta “porta-voz das bocas das desgraças que não têm boca nenhuma”⁷ ao dizer:

L'île entière est une pitié
Qui sur soi-même se suicide
Dans cet amas d'argiles tuées
O la terre avance ses vierges

Apitoyée cette île et pitoyable
Elle vit de mots dérivés
Comme un halo de naufragés
A la rencontre des rochers
(GLISSANT, 1965, p. 24)

Essa expressão cheia de predicções compõe, pouco a pouco, o cenário do drama. E, a cada pincelada, um novo traço dessa dura realidade se revela, deixando-se representar por cores sombrias que escrevem simbolicamente o desencanto:

Que de sang dans ma mémoire! dans ma mémoire sont des lagunes. Elles sont couvertes de têtes de morts. Elles ne sont pas couvertes de nénuphars. Dans ma mémoire sont des lagunes. Sur leurs rives ne sont pas étendus des pagnes de femmes.

Ma mémoire est entourée de sang. Ma mémoire a sa ceinture de cadavres!

et mitraille de barils de rhum génialement arrosant nos révoltes ignobles, pâmoisons d'yeux doux d'avoir lampé la liberté féroce (CÉSAIRE, 1994, p.32).

É interessante destacar também que tanto Glissant quanto Césaire demonstram a especificidade do negro colonizado como alguém que, diante do sofrimento moral e material a que foi submetido, se desajusta, perde a noção de si e da realidade, perde o contato com o mundo e, assim, a sua própria condição humana, entregando-se, coisificado, ao mundo maniqueísta instaurado pela escravidão. Essa dimensão psicológica encontrada, não por acaso, na obra dos dois autores, mostra que a poesia construída a partir da autofragmentação patológica do negro e da sua vitimização vai alimentar o plano das composições antilhanas em geral, como um traço identitário que não se apaga. Sua recorrência atesta não só a não resolução como a fixação do drama, confirmando, assim, a permanência, no imaginário antilhano, de um sentimento de incapacidade do negro diante da supremacia branca, ao ser mantida, também no plano ficcional e como algo ainda passível de ser questionado, a posição privilegiada do ocidente. Nessa perspectiva, os dois poetas dão indícios de que, além da memória, a escrita antilhana também é marcada pelo desastre, fazendo realçar, pelo pessimismo, antigas antinomias, “na eterna fixação dos dias e dos gemidos”⁸:

O tout ce lieu est mort, plus que l'aurore dans les chambres, loin du vent. Jamais plus n'ira le vent par la parole, acheminant des rêveries. Le soir est écuellée de broussailles, de roses sales. Ce vent n'est plus l'arène où s'ébattent les pluviers ! Jamais plus, ô jamais n'ira l'aurore disant l'aurore,

« je suis l'éveil des yeux et la clarté des profondeurs »...Disait-il seulement, comme l' aurore, "je", dans cet effroi des promenades ? – nul ne sait... Peut-être êtes-vous là, dans la voix fissurée, cette naissance hivernale ? (GLISSANT, 1965, p. 31).

A morte é também da palavra que, escravizada, se submete ao código do outro, fazendo com que o homem perca a sua aurora e os seus devaneios, na impossibilidade de amar e de ser amado, na impossibilidade da troca com o outro, na falta de comunicação.

O Soleil ! ô travail séculaire sourdement mêlé de mer, et de cette couleur d' amour. Un homme chaque matin ouvre les yeux sur la solitude où il se garde. Il a quitté les flamboyances, pleuré les rêveries, abandonné la rare bleuïté de ceux qui aiment et sont aimés...Après la traversée, la solitude, et la colère des requins, s'ouvre bientôt un champ de misère et d' incendies, et de sang noir précipité. Il est de la race des choses mûres de mûrir dans l' été lourd et l' encombre tumultueux. (GLISSANT, 1965, p. 146).

E, na mesma encruzilhada do pensamento, o poeta do “*Cahier*”:

“...car sa voix s' oublie dans les marais de la faim, / et il n'y a rien, rien à tirer vraiment de ce petit vaurien, / qu' une “faim qui ne sait plus grimper aux agrès de sa voix / une faim lourde et veule, / une faim ensevelie au plus profond de la Faim de ce morne famélique” (CESAIRE, 1994, p. 13).

Na sua teoria sobre a constituição do sujeito, o psicanalista Jacques Lacan⁹ demonstra que o exterior tem importância decisiva, pois o eu se descobre no outro, a partir de um comprometimento involuntário com o sistema simbólico pré-existente. A linguagem determina o sujeito porque a palavra não só precede a sua existência, como estrutura a dimensão inconsciente e, paradoxalmente, a resistência rumo à individuação. O verbo se faz presente entre o

sujeito e a sua fala. Entre sujeito e discurso, há sempre algo no meio, diferente do eu, estranho e ameaçador. Neste sentido, o processo subjetivo só pode ser pensado na relação com o outro, da mesma forma que é impossível conceber a subjetividade sem essa presença fantasmática. Cito Césaire:

*“Mais pourquoi brousse impénétrable encore cacher le vif /
zéro de ma mendicité et par un souci de noblesse apprise/ Ne
pas entonner l' horrible bond de ma laideur pahouine ? /
Voum rooh oh / Voum rooh oh “* (CESAIRE, 1994, P. 27)

Na situação diaspórica, a dependência do outro se torna ainda mais traumática, pois não se trata apenas do assujeitamento primordial à língua do grupo, como efeito da própria socialização, mas da subordinação à língua do estrangeiro colonizador, verdadeiro instrumento de dominação. Tornar-se sujeito, nesse caso, implica também resistir a essa palavra escravizadora de consciências, que fez com que o homem se perdesse durante tanto tempo na obscuridade, sem enxergar a si mesmo:

*Qu' était la mer et son écume ? Savait-on si sa parole
ne se mourait
En quelque gouffre, au loin des routes révélées ?
Longtemps ainsi la voix de l' homme se perdit aux temples
Pour obscure qu' était la route jusqu' au temple ! et cette
mer,* (GLISSANT, 1965, p. 85)

Em *Cahier d'un retour au pays natal*, Césaire já apontava para esse homem que, aprisionado pela brancura de uma vã assimilação à cultura ariana, se escondia em si mesmo, desengonçado, sem ritmo e sem medida, tropeçando na língua do outro e, ao mesmo tempo, esboçando sorrisos pálidos, numa imaginada cumplicidade com o colonizador:

*Je me cachais derrière une vanité stupide le destin
m' appelait j' étais caché derrière et voici l' homme par*

*terre, sa très fragile défense dispersée,
ses maximes sacrées foulées aux pieds, ses déclamations
pédantesques rendant du vent par chaque blessure.
Voici l'homme par terre
Et son âme est comme nue...* (CÉSAIRE, 1994, p. 39)

A consciência de que a língua do outro é feita de “Brancuras! viscosidades da palavra que não interpela! Febre nevada, adornos!” (GLISSANT, 1965, p. 36), traz a certeza de que é preciso buscar uma outra expressão, que seja capaz de exprimir toda a angústia e o arrependimento por ter, um dia, desejado ser como o outro. E, assim, fala o poeta da negritude:

*Des mots? quand nous manions des quartiers de monde
Quand nous épousons des continents en délire, quand
nous forçons de fumantes portes, des mots, ah oui, des
mots! mais des mots de sang frais, des mots qui sont
des raz-de-maré et des érésipèles et de paludismes et
des laves et des feux de brousse, et des flambées de chair,
et des flambées de ville...* (CESAIRE, 1994, p.30).

Lacan, citado por Bruce Fink¹⁰, confirma o pensamento freudiano de que é pela linguagem que o homem se revela, mostrando que as repetições na fala seriam a representação sintomática do inconsciente. Essas fixações atestam não somente o conflito do eu, resultante da sua relação com o mundo, e, por conseguinte, a “doença”, mas também o exercício de um fazer-se sujeito ou a “cura”, a partir daquilo que um significante representa para outro significante. A alienação seria, assim, decorrente do funcionamento da própria linguagem, e a alteridade, a extensão da estrutura que cessa para algo se opor a ela. A alteridade implicaria, em outras palavras, a cessão do eu.

A concepção lacaniana do homem como ser sobredeterminado pela linguagem permite, então, pensar que o sujeito é sempre definido em função do outro, ou ainda, do desejo do outro. Pode-se supor, dessa forma, que a sua relação com o

mundo é sempre ambígua, porque o outro se interpõe provocando ora admiração, ora repulsa. Nesse processo de aproximação e de distanciamento, fantasias se produzem e oferecem a sensação de um falso ser que tenta superar o conflito, tornando seu algo que antes era estranho e ameaçador. O homem nasce, portanto, de uma ficção quando toma para si a alteridade, na adoção da causa que perturba o funcionamento da estrutura. O discurso apresenta, assim, mais de uma dimensão, porque inclui o outro que, como linguagem, preenche vazios e transforma o desejo, fonte de toda comunicação. O desejo não é, senão, o outro que habita em nós, aquele que apenas a ordem simbólica é capaz de captar.

Entretanto, os laços que geram a dependência primordial ao significante do outro também fazem armazenar a energia que principia toda resistência e, assim, o fruto dessa ilha lamentável, que padece das palavras derivadas, revela-se agora, investido de mais de um sentido, pois ao mesmo tempo em que permanece ligado de forma irremediável à língua do colonizador, dirige o seu olhar para um devir, de onde talvez sejam possíveis a consciência de si mesmo e uma relação menos traumática com o mundo. A letra mata o sujeito para lhe oferecer vida própria. Declara Glissant: “*Le soir à son tour germera / Dans le pays de la douleur/ Une main qui fuse le Soir/ A son tour doucement tombera*” (GLISSANT, 1965, p. 22).

E, em paralelo, é Césaire quem poetiza:

*les nuits de par ici sont des nuits sans façon
elles sont toujours en papellotes
elles ne sont pas sans force
même si elles sont sans mains pour brandir le coutelas
mais force reste à la loi – à l'angoisse
la nuit ici
descend
de grillons en grenouilles
doucement les pieds nus
en bas
un gosier de coq patiente*

*pour cueillir la giclée
ce n' est pas toujours de la cellule de gestion
de la catastofre
que la journée téméraire fait part de sa propre naissance*
(CESAIRE, 1994, p. 418).

Assim, do *marronage* à crioulização, a história antilhana se retraiça, deixando entrever, através de duplos gestos, a existência de um alguém que, nascido no país da dor, se reinventa, embora “sem mãos para erguer o facão”. A noite que cai “docemente e, de grilos em rãs”, reanima a existência, incita ao exercício de um olhar mais amadurecido e próprio de um eu que se confessa “laminar”¹¹ em Césaire ou, ainda, próprio daquele que Glissant anuncia como nascido da poesia que ultrapassa o drama e faz reacender a chama da vida, como uma paciência que “cresceu na ausência”, mas que faz uma argila resmungar novamente, se mexer e “gravitar em torno do seu próprio corpo” (GLISSANT, 1965, p.11-12). A ordem simbólica internaliza as imagens especulares que, agora, investidas de interesse e de valor libidinal, irrompem no discurso, como um furo de significantes que nos chegam numa linguagem truncada e aparentemente sem sentido, permitindo, assim mesmo ou por isso, a exegese do eu e do desejo. As imagens enunciam uma subjetividade que assume o comando e a responsabilidade por toda a expressão. É também dentro dessa perspectiva ética de sujeito que são, igualmente, entrevistas as duas poéticas.

Desenham-se, pois, duas trajetórias para se pensar a subjetividade. A primeira refere-se a um duplo assujeitamento do homem antilhano, causado pela sua constituição como ser social e, mais ainda, como ser negro e escravizado. Tratar-se-ia, na visão lacaniana, da alienação que dirige o homem para a assunção de um papel vazio a ser preenchido pelo outro, em decorrência da própria anulação. Uma anulação que é, em contrapartida, o primeiro passo para a constituição do sujeito. O segundo movimento revelaria um percurso outro, na busca da realização do eu reprimido e na assunção também de um papel, mas, desta vez, de responsabilidade frente

ao próprio futuro. Tal processo corresponderia ao conceito de separação e daria origem ao ser marcado pela hibridez, que não é nem eu nem outro, mas alguma coisa ou alguém entre os dois. A separação implica a dupla falta e marca a possibilidade do sujeito vir a ser, na conformidade de uma contradição que, em fluxo constante, tenta fazer essas duas faltas coincidirem.

A subjetividade adviria, assim, de um grande paradoxo que incluiria alienação e separação ou fechamento e abertura, provocando a ruptura da hipotética unidade anterior. Essa unidade, uma vez rompida, faria com que o sujeito se expusesse com toda a sua complexidade, em toda a sua diferença, desarmado, completamente nu, sustentado apenas pela ilusão de uma totalidade, no firme propósito de ser como tal. É dessa forma, penso, que o sujeito se atesta, imprevisível, vivendo a sensação fantasmática da completude causada pela utopia de um preenchimento. Nesse sentido, a subjetividade pode ser pensada como resultante do processo de carga e “des-carga” emocionada, fruto de dor e de prazer, pelo qual o sujeito se permitiria construir e “des-construir” fantasias.

É preciso pensar o trauma antilhano como bloqueio, mas também como possibilidade de encontro com o desejo do outro, único caminho para a fantasia que, ao ser atravessada, alavanca o processo de subjetivação do drama, chamando para si o sujeito, fazendo com que ele assuma não só as responsabilidades, mas o gozo de uma vida.

Em “Entre mangue e manguetown, Chico Science”, Paula Glenadel propõe pensar a identidade como identificação, a partir do reconhecimento da espectralidade que assombra a fala do sujeito¹², como uma herança inquietante que atravessa o discurso produzido pelo imaginário e pelo desejo das margens, provocando proximidade e distância. Segundo Glenadel, “a ‘identidade’ está e não está onde se procura por ela”¹³. A identidade seria, assim, um fantasma que reinventa o drama e se apropria do sentido.

A partir dessa concepção mais contemporânea acerca do sujeito e da identidade, talvez seja possível pensar que existe, de

fato, um alguém que se expressa fantasmagoricamente nas duas poéticas, confirmando a dependência em relação ao significante do outro, como presença em ausência que traz sempre à tona o passado como sintoma, mas que, por ser traço descontínuo sempre em movimento, deixa lacunas, provoca aporias, e abre-se ao desconhecido, lançando-se para um devir que prevê não mais a fixidez do pensamento, mas as mudanças de pele:

*quand les flèches de la mort atteignirent Miguel Angel
on ne le vit point couché
mais bien plutôt déplier sa grande taille
au fond du lac qui s'illumina*

*Miguel Angel immergea sa peau d'homme
et revêtit sa peau de dauphin*

*Miguel Angel devêtit sa peau de dauphin
et se changea en arc-en-ciel*

*Miguel Angel rejetant sa peau d'eau bleue
revêtit sa peau de volcan*

*Et s'installa montagne toujours verte
à l'horizon de tous les hommes* (CESAIRE, 1994, p. 457).

Sob essa perspectiva, o devir se anuncia no espaço de um não-tempo, espaço que só se habita provisoriamente, para que uma “nova bondade não deixe de crescer no horizonte”¹⁴, no “furor de dar vida a um desmoronamento de paisagens”¹⁵, pela “reabilitação de delírios muito antigos”¹⁶, como poetiza o fundador da Negritude. Contrária, como nomeia Glenadel, os “mecanismos espectrais de permanência” e faz reavivar os de “transformação, estabelecendo, assim, a possibilidade de reformulação de um futuro, de uma promessa, de um por-vir”¹⁷. É quando, então, a palavra, há tempo reprimida, se libera “para reavivar o verso solar dos sonhos”¹⁸. Essa palavra, produto arbitrário de uma consciência, não se funda

mais na intenção de transmitir uma verdade exterior, mas na reivindicação de uma verdade nova que marca a passagem da ficção à efetiva presença de um eu, na expressão do sujeito por ele mesmo, por intermédio de um código interno e variado que coloca em questão a própria linguagem. A poesia seria, assim, um reflexo instantâneo da verdade do eu, expressa por uma sensibilidade que se coloca à margem de toda lei, a partir de um referencial interno e subversivo.

O dito coloca em cena, então, um *je* que não representa mais o coletivo, mas o resultado da íntima relação entre o ser e a realidade. O subjetivo volta-se do passado para o presente e, por extensão, para um futuro que guardará a sua qualidade na memória, como algo que lhe é pertinente e o identifica como tal. O imaginário desempenha o papel de imagem do eu, mostrando que a escrita do desastre se constrói a partir das abstrações de uma consciência em enunciação:

*il y a aussi les capteurs solaires du désir
de nuit je les braque: ce sont des mots
que j'entasse dans mes réserves
et dont l'énergie est à dispenser
aux temps froids des peuples
(ni drèches ni bagasses...) (CESAIRE, 1994, p. 397)*

A autoridade fincada no presente pela expressão de uma vontade deliberada delimita o passado porque não se reconhece mais como histórica, mas fruto de uma escolha carregada de sentido que propõe, hoje, a continuação da vida, apesar de tudo. Continuar a vida significaria viver o efeito de cada instante e, assim, ultrapassar também o presente, em contínuo devir. A existência agora se expõe não mais submetida ao tempo, mas à produção do seu efeito.

Glissant também apela para as palavras que “fazem o céu e o horizonte”. São elas, segundo o poeta, as escritas pela “mão que floresce a dor, que faz o pássaro, a espuma e a casa de lavas por vezes”; são as produzidas pela mão que faz igualmente “a riqueza

dos fossos e a colheita do passado” (GLISSANT, 1965, p.24-25). Os verbos no presente do indicativo reforçam a idéia de que tudo é modelado a partir de uma presencialidade e que todo esse passado “móvel” depende da atualidade de um ponto da vista. Como poetiza Glissant, “Toute parole est une terre/ Il est de fouiller son sous-sol/ Où un espace meuble est gardé/ Brûlant, pour ce que l’ arbre dit ” (GLISSANT, 1965, p.26).

Assim, entre permanência e transformação, estão as duas poéticas, delineando uma subjetividade que irrompe para renovar a existência e florir a dura realidade, buscando uma completa harmonia com o Cosmos, onde o céu dança porque “da dor se fez uma palavra / uma nova palavra que multiplica”¹⁹. Diz o poeta-rizoma:

*Celui qui parmi les neiges enfante
Un paysage une ville des soifs
Celui qui range ses tambours ses étoffes
Dans la sablure des paroles*

*Attendant l’ ouverture des Eaux
Le grand éclat des vagues Midi
Plus ardent que la morsure des givres
Plus retenu que votre impatience d’ épine*

*Celui qui prolonge l’ attente
Et toutes les mains dans sa tête
Toutes splendeurs dans sa nuit
Pour que la terre s’ émerveille*

*Il accepte le bruit des mots
Plus égal que l’ effroi des sources
Plus uni que la chair des plaines
Dechirée ensemencée ...*

*Ecoutant ruisseler mes tambours
Attendant l’ éclat brusque des lames*

*L' éveil sur l' eau des danseurs
Et des chiens qui entre les jambes regardent
Dans ce bruit de fraternité
La pierre et son lichen ma parole
Juste mais vive demain pour vous
Telle fureur dans la douceur marine,*

Je me fais mer où l' enfant va rêver. (GLISSANT, 1965, p. 28-30)

A palavra, também para Césaire, é aquela capaz de preservar a oralidade, tornar frágil a aparência e captar o segredo das raízes, de onde a resistência ressuscita em torno de alguns fantasmas. Para tanto, é preciso “contornar os lugares escolhidos da gravidade histórica”²⁰ e invadir a opacidade, criando espaços, pois como o poeta mesmo diz, “nada liberta mais do que a obscuridade de um dizer”²¹. Dessa forma, a escrita traz à tona materiais inconscientes que emergem da subjetividade inquieta, reivindicadora, libertária e própria das duas poéticas, pela presença em ausência de um conflito identificatório que se renova e ruma em direção ao espaço onde “Toda palavra se confunde / Com o silêncio das águas”, como diz Glissant (GLISSANT, 1965, p. 21). O real, que resistiu a toda simbolização, agora se faz representar por imagens, num discurso truncado que funciona como ponte também para o acesso ao totalmente outro.

A subjetividade literária, como aponta Michel Zink²², não é a simples expressão do real pelo simbólico, muito menos a efusão espontânea e verdadeira da personalidade, das opiniões e dos sentimentos do autor, mas a marca de um ponto de vista frente, por exemplo, aos impasses que concernem à existência. Em outras palavras, é o produto de uma consciência particular que se autoriza a falar em nome de uma causa, sem qualquer preocupação com a erudição ou com a legitimidade do proferível. Aparece no discurso como a qualidade de algo que se desenha dentro dos contornos de um eu também nada preocupado com o tempo ou com a necessidade de fugir dele. É a expressão das contingências que, particularizadas, se presentificam por uma voz que ultrapassa o

real e a materialidade da escrita, sob a forma, muitas vezes inesperada, de um discurso truncado, aparentemente sem consistência, mas que anima tanto quanto uma paixão, porque vai de encontro às aporias do outro, promovendo a comunhão momentânea do poeta e do leitor, dos homens, enfim.

O poema “*Calendrier lagunaire*”²³, de Césaire, parece revelar a existência dessa subjetividade que, em aporia, se diz habitando vários endereços ou o lugar mesmo da indefinição, mostrando que a palavra ferida, de expressão inevitavelmente estrangeira, está sempre em movimento, na busca incessante de um espaço próprio que, talvez, só se encontre no silêncio e na comunicação interrompida. Derrida²⁴ afirma que, na diáspora, o eu se dissocia de sua língua, de sua cultura e de sua memória, como numa espécie de amnésia, assim como não se associa jamais à língua, à cultura e à memória do colonizador. Talvez seja exatamente isso que exprime Césaire, ao dizer: “*j’habite une blessure sacrée/ j’habite des ancêtres imaginaires/ j’habite un vouloir obscur/ j’habite un long silence../ ...chaque minute je change d’appartement*” (CESAIRE, 1994, p.385).

A palavra se multiplica no poema, ao se repetir em heterogeneidade pela via do sonho. A palavra rejeita toda mediação de uma lógica que desautorizaria o habitar em vários lugares e a expressão de um tempo que remete tão somente à interioridade, liberto das cronologias e de toda sinopse. Habitar vários lugares sem deles se apropriar também é se permitir outras impressões, investindo no novo, despojando-se da fixidez de um pensamento e voltando-se para o desconhecido, para o outro. É, por assim dizer, sugerir uma promessa de vida na diversidade, apostando, ainda que assim seja, na incerteza de um devir, pois como diz Glenadel, a identidade “constitui uma promessa fundamentalmente incerta, estruturalmente aberta que pode a todo instante converter-se em ameaça de fechamento numa identidade ou em ameaça de perda de uma identidade”. Cito ainda Glenadel, que cita Derrida²⁵: “uma identidade não é jamais dada, recebida ou atingida, não, apenas se

passa pelo processo interminável, indefinidamente fantasmático da identificação” (GLENADEL, 2003, p.48).

Despojar-se é tarefa inquietante, na medida em que se tem a consciência de que marcas não se apagam totalmente. E, ao caminhar, recupera-se cada herança ou “apartamento”, elementos que, somados, também constroem a singularidade de todo dito ou do que se encontra em seu lugar. Na interseção dessa perspectiva:

*Savoir ce qui dans vos yeux berce
Une baie de ciel un oiseau
La mer, une caresse dévolue
Le soleil ici revenu*

*Beauté de l' espace ou otage
De l' avenir tentaculaire
Toute parole s'y confond
Avec le silence des Eaux*

*Beauté des temps pour um mirage
Le temps qui demeure est d' attente
Le temps qui vole est un cyclone
Ou c'est la route éparpillée* (GLISSANT, 1965, p. 21).

A poesia passa, então, a ser metáfora contínua, retórica que opera os movimentos de uma vida interior, efeito da constante relação do sujeito com o mundo. A poesia personifica forças fazendo emergir o presente de uma subjetividade que vive unicamente cada instante. Como deixa entrever Michel Zink, na sua obra já citada, a poesia liberta, pelo sonho, o sentido do real e, ao mesmo tempo, o convida para a cena. Diz Zink: “On a vu que la poésie du dit, au lieu de construire une image idéale d'un moi, montre celui-ci aux prises avec les contingences du réel, qui le déterminent et qui le façonnent” (ZINK, 1985, p.142).

Assim, a representação do inconsciente, que força hesitante a passagem do mundo interior para o exterior, se desenvolve na voz do poeta, pela palavra que, por sua vez, carrega consigo a

força dessa subjetividade, ponto de vista do eu sobre o eu. A palavra também irrompe no discurso sob a forma de fantasia, produzindo abertura e fazendo com que o sujeito não opere mais como testemunha, mas como agente modelador de uma exterioridade, na confecção do seu produto arbitrário: a poesia.

Neste sentido, também é possível pensar a subjetividade antilhana como potência de uma existência marcada pelo conflito identificatório, inscrita no entretempo “da espera e do ciclone”, que tenta recuperar as suas sensibilidades estética, ética e moral, recarregada pela energia dos versos solares que não retornam ao lugar do drama, mas caminham atraindo e colhendo o seu efeito. Seria, assim, a força que resiste a todo fechamento e impulsiona a existência para frente ao mesmo tempo em que a autoriza a olhar para trás, perfazendo, por isso, uma trajetória descompassada e diferente de toda linearidade, tornando o ser inevitavelmente refém e senhor de todo “futuro tentacular”. É, sem dúvida, a força que faz embalar nos olhos uma “baía de céu, o pássaro e o mar”, como realça Glissant²⁶. É, provavelmente, a força maior, que irrompe surpreendendo e desarmando discursos prontos sobre o bem e o mal. É, quem sabe, a mesma que nos ensina, em Césaire, que o essencial é:

*nu
l' essentiel est de se sentir nu
de penser nu
la poussière d' alizé
la vertu de l' écume
et la force de la terre
la relance ici se fait par l' influx
plus encore que par l' afflux
la relance ici
se fait
algue laminaire (CESAIRE, 1994, p. 415).*

A construção dessa subjetividade implica uma travessia, para além do discurso que separa significante de significado. Atravessar

o discurso é se manifestar pela resistência, e pressupõe negociações, deslocamentos, tal como pensou Lacan ao descrever a entrada na fase do espelho, momento arriscado de busca em que o ser assume papéis imaginados, deslizando pelos significados construídos, confrontando o real e o simbólico que, unidos por um duplo gesto, compõem o esboço primeiro do subjetivo. Supor e aceitar a existência dessa subjetividade, misto de individual e de coletivo, de passado e de presente, de agitação e de paciência, é também uma tarefa angustiante, pois requer a manutenção, em hospitalidade, de toda promessa que se apresenta, de toda possibilidade também nova de ser, disposição nem sempre confortável.

A busca por uma subjetividade – qualidade ou caráter do subjetivo – só é valiosa quando se espera como resposta, não um conceito formal que classifica indivíduos, subgrupos, etnias ou nações, mas quando nos leva a descobrir os traços que estruturaram a alienação e a individuação, a passividade e a resistência, principalmente quando se trata de um povo nascido da diáspora. Na perspectiva derridiana de pensamento, a tradução–transporte de significados relativos à subjetividade que se expressa no universo da escrita–pressupõe a necessidade de uma desconstrução do pensamento eurocêntrico, manifestando a abertura ética para o outro, como justiça por vir. Glenadel²⁷ também ressalta que essa promessa alimenta-se daquilo que fica como seu pano de fundo, como *mémoire reconquise* (memória reconquistada) de um instante (GLENADEL, 2000, p.64).

Segundo o filósofo Jean-Luc Nancy, a tradição ocidental acabou produzindo a cisão do sujeito, na sua busca insistente por definições estáticas do Homem, ser irreduzível, múltiplo e historicamente mutante. No seu texto *Un sujet?*²⁸, Nancy deixa entrever que nem o ser, nem a sua suposição podem ser concebidos num único sentido, pois cada vez que algo ou alguém é suposto, uma realidade se expressa. Nesse caso, ao se expor, o mesmo já seria necessariamente outro. Ademais, se a identificação, que implica a afirmação de uma subjetividade e prevê a busca do ser em si segundo Lacan, marcado desde sempre pelo outro, então

essa procura só pode ser em favor de uma referência implícita heterogênea e, por conseguinte, polifônica. E é Glissant quem diz que

Maintenant les sables sont d'autre clarté. Il faut choisir, il faut venir! soit par la mer, connue des martins-pêcheurs aux songes funèbres, soit dans la terre, tronc noir et nu... Et puis, la saviez-vous, cette entreprise de bâtir le paysage ? – parfois le cœur est écrasé, l'air est hostile ; parfois la main s'apaise – et la lumière monte des choses comme une parole d'architecte (GLISSANT, 1965, p. 35).

E, na ressonância de uma mesma voz, Césaire também parece revelar o segredo de toda a existência, quando diz:

Le non-temps impose au temps la tyrannie de sa spacialité : dans toute vie il y a un nord et un sud , et l'orient et l'occident. Au plus extrême, ou, pour le moins, au carrefour, c'est un fil des saisons survolées, l'inégale lutte de la vie et de la mort, de la ferveur et de la lucidité, fût-ce celle du désespoir et de la retombée, la force aussi toujours de regarder demain. Ainsi va toute vie. Ainsi va ce livre, entre soleil et ombre, entre montagne et mangrove, entre chien et loup, claudicant et binaire.

Le temps aussi de régler leur compte à quelques fantômes et à quelques fantômes (CÉSAIRE, 1994, p.383)

Essa nova perspectiva de ser também abre a possibilidade do *Tis*, alguém de Platão²⁹, se relacionar consigo mesmo, dialogando com a sua própria negatividade, numa espécie de experiência de si como outro e do outro como si, no exercício de reconhecimento e aceitação das próprias diferenças, esboço também primeiro de uma subjetividade. Césaire anuncia: “*frère n'insistez pas/ vrac de varech/ m'accrochant en cuscute/ ou me déployant en porana/ c'est tout un ...*” (CESAIRE, 1994, p. 386).

Assim, ao atentar para a similaridade percebida na descrição do drama, na tentativa de desmistificação do exotismo, na escrita

marcada pela auto-fragmentação e vitimização do negro antilhano e, além disso, no movimento de resistência voltado para um devir, no qual a palavra ferida se libera e traz à tona o inconsciente, tornando frágil a aparência, ao buscar o seu espaço próprio, conclui acreditando que a escritura antilhana é, sem dúvida, a marca de um apelo que, ao comprometer exterioridade e interioridade, faz irromper uma subjetividade como fantasma, marcada pela presença do eu e do outro sempre em processo, renovando a existência pela libertação contida no ato de contornar a gravidade histórica e invadir a opacidade.

Sendo as várias vozes de uma suposição, o sujeito pode ser aquilo que um significante representa para outro significante, mas também o que emerge deles no espaço de um instante. O sujeito só é como possibilidade, da mesma forma que deve ser entendida a qualidade do que lhe é próprio. As poéticas de Césaire e de Glissant traçam trajetórias que se entrelaçam em alguns pontos para mostrar que existe uma unidade na diversidade antilhana, seja entrevista pelo seu fechamento, seja reconhecida pela sua abertura em direção ao outro. Qualquer tentativa estática da sua definição descaracterizaria, portanto, o que ela tem de mais próprio: o seu caráter de “re-nova-(a)ção”. Voltando sempre como atualidade, a afirmação do eu antilhano inclui também a sua negatividade, que não se apaga por completo e reincide para atestar a exterioridade que a constituiu.

Segundo Nancy, o sujeito só acontece quando e enquanto se expõe, porém nem mesmo assim garantiria a sua essência, mas a qualidade do seu último traço. A correspondência que se vislumbrou entre os fragmentos poéticos de Césaire e de Glissant vem marcar esses últimos tantos traços que apontam para um ser que caminha rumo à presença em si como mesmo e, ao mesmo tempo, como constante novidade do Cosmos. Tanto Césaire quanto Glissant são sujeitos dessa nova ordem simbólica. Nesta perspectiva, entender a Crioulidade ou a Antilhanidade como um contraponto da Negritude e essa como essencialista e eurocêntrica é seccionar o movimento da história e não reconhecer o outro, o antilhano, em toda a sua

diferença. É, sobretudo, tender o olhar numa só direção e permanecer, talvez, ainda sobredeterminado por uma lógica narcísica que nega parte do amplo processo que vem constituindo essa grande Crioulização. É preciso repetir que “durante muito tempo a voz do homem se perdeu nos templos por obscuro que era o caminho até o templo! e esse mar...” (GLISSANT, 1965, p. 85).

É preciso fugir das armadilhas da síntese, porque a história tem mostrado que é na complexidade que o humano se afirma e pode ser afirmado. É de lá que se ouve a voz de alguém dizendo eu. É na diversidade que caminha, como diz Césaire, toda vida: “entre sol e sombra, entre montanha e pântano, entre cachorro e lobo, claudicante e binária” (CESAIRE, 1994, p.383), porque “toda carne se ramifica, na aurora e na noite, de presença e de ausência, por um fogo e por um desmame”, segundo o poeta-rizoma (GLISSANT, 1965, p. 19-20).

Notas

1 *Le Petit Larousse*, edição 2001 e no *Novo Dicionário Aurélio*, Nova Fronteira, ed. 1975.

2 Il ne faut pas opposer négritude et créolité. In: *Afrik.com, le portail de l'Afrique*. Ernest Pépin em entrevista concedida a David Cadasse, em 03 de agosto de 2004, constante no site: <http://www.afrik.com/article7507.html>.

3 Termo que designa a resistência dos mulatos fujões.

4 GLISSANT, E. *Poèmes*. Paris: Seuil, 1965.

5 *Cahier d'un retour au pays natal*, 1ª obra de Césaire, publicada em 1939 pela *Revue Volontés*, onde o autor utiliza pela 1ª vez o termo *négritude*. A obra consta da coletânea intitulada *La Poésie*. Paris: Seuil, 1994, edição escolhida aqui para essa e as demais referências sobre o autor.

6 *La Poésie*, 1994, p.11.

7 *ibid*, p. 21.

8 GLISSANT, 1965, p.171.

9 LACAN, J. *Séminaire, Livre XVII: L'Envers de la psychanalyse*. Paris: Seuil, 1991.

10 FINK, Bruce. *O sujeito lacaniano; entre a linguagem e o gozo*. Tradução de Maria de Lourdes Sette Câmara; consultoria Mirian Aparecida Nogueira Lima. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

- 11 Título da sua obra *Moi, laminaire...* In: *La Poésie*. Paris: Seuil, 1994, traduzível por *Eu, laminar...*
- 12 GLENADEL, P. “Entre mangue e manguetown, Chico science”. In: *Revista de Letras*. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, v. 43 (1), 2003, p. 48.
- 23 *ibid*, p. 2
- 34 CESAIRE, A. *La Poésie*, 1994, p. 472.
- 45 *ibid*, p. 391.
- 56 Cf.15
- 67 *ibid*, p. 2
- 78 Cf 14, p.396.
- 89 GLISSANT, E. *Poèmes*, 1965, p. 28.
- 20 CESAIRE, A. *La poésie*, 1994, p. 397.
- 29 *Ibid*, p. 521.
- 22 ZINK, M. *La subjectivité littéraire*. Paris: puf écriture, 1985, p.8.
- 23 *ibidem*
- 24 DERRIDA, J. *Le monolingüisme de l’ autre*. Paris: Galilée, 1996c, p.53.
- 25 *Ibid*, p. 53.
- 26 GLISSANT, 1965, p.21.
- 27 GLENADEL, P. Tradução, desconstrução, poesia: esboço para a ruminação de uma aporia. In *Revista Gragoatá* n8. Niterói: Eduff, 2000.
- 28 NANCY, J.L. Un sujet ? In: *Homme et sujet*. Paris: L’ Harmattan Logiques Sociales, 1994.
- 29 *Ibid*, p.53.

Bibliografia.

- BERNABÉ, J., CHAMOISEAU, P., CONFIANT, R. *Eloge de la créolité*. Paris: Gallimard, 1989.
- CÉSAIRE, A. *La Poésie*. Paris: Seuil, 1994.
- DELEUZE, G., GUATTARI, F.. *Kafka. Pour une littérature mineure*. Paris: Minuit, 1975.
- DERRIDA, J. *Le Monolingüisme de l’ autre*. Paris: Galilée, 1996.
- FINK, M. *O sujeito lacaniano; entre a linguagem e o gozo*. Tradução de Maria de Lourdes Sette Câmara; consultoria Mirian Aparecida Nogueira Lima. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- GLENADEL, P. “Tradução, desconstrução, poesia: esboço para a ruminação de uma aporia”. In: *Revista Gragoatá*, n. 8. Niterói: Eduff, 2000.

_____. “Entre mangue e manguetown, Chico Science”. In: *Revista de Letras*. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 43 (1) 47-56, 2003.

GLISSANT, E. *Poemes*. Paris: Seuil, 1965.

NANCY, J.-L. “Un sujet ?” In: *Homme et sujet*. Paris: L’Harmattan Logiques Sociales, 1994.

LACAN, J. “Subversion du sujet et dialectique du désir dans l’ inconscient freudien”. In: *Écrits*, Paris: Seuil, 1966.

_____. Séminaire, Livre XVII: *L’ Envers de la psychanalyse*. Paris: Seuil, 1991.

ZINK, M. *La subjectivité littéraire*. Paris: Puf écriture, 1985.

Site: <http://www.afrik.com/article7507.html>